

O RECEBIMENTO DA TOYOTA NOVA



No plano inferior: Bento Pousa, Secretário Municipal de Integração Governamental; Fiote, Vereador segundo mais bem votado do Município; Carlos Alexandre Soares, Secretário de Defesa Civil; Ezequiel Ferreira, Presidente da Associação de Moradores da Vila Dois Rios.

Em, 13/05/2006. Uma parte da comunidade da Vila Dois Rios reuniu-se no Centro de Convivência Reitor Alves Pereira na Ilha Grande, para receber, primeiro a Comitiva enviada pelo Prefeito Fernando Jordão e, também, a caminhonete nova em substituição a velha Toyota. O clima gerado foi de festa e de muita expectativa entre os moradores. Todos queriam ver o Senhor Bento e a Toyota nova que ele trouxera. O prefeito atendeu um pedido do presidente da Associação, muito encenado pelo senhor Lupércio de Albuquerque, um

correligionário de Jordão, que ocupou o lugar de Guaraci Outumbri no Barra na Vila Dois Rios.

Esteve ali reunidos, também, representantes da UERJ e da Polícia Militar, para oficializar o recebimento das chaves do carro passadas das mãos do Secretário Bento Pousa às mãos do presidente da Associação, Ezequiel Ferreira, que, fez a seguir um agradecimento pela comunidade.

Este Encontro da comunidade com os representantes do Município, foi um momento para uma rápida reciclagem e exame da situação da Vi

la Dois Rios - onde vivi, a 12 Km da Vila de Abraão, uma comunidade de descendentes de funcionários do Presídio, todos conhecidos. Até 19-94 o transporte desta população era feito pela Penitenciária. No lugar há falta de investimento para implantação das melhorias e, com isso o exodo populacional fora grande. Neste pedaço de chão, sobrevive incolume ao tempo, cerca de 40 famílias que ainda restou. Foi nesta questão que bateu Bento Pousa Costa.

Contudo, uma unanimidade tem sido feita, que é a constatação, de que a Prefeitura, com os seus secretários e a Câmara têm buscado manter o ilheu, no seu domicílio. Para isso estar sempre presente nestes locais, atendendo as necessidades básicas de maior prioridade de cada região. Esta caminhonete vai servir e dá, maior conforto às crianças da escola. O fato é, que ela começa a circular, e, isso é muito significativo para manter a população - disse o Secretário de Governo de Fernando Jordão.

Por parte da Associação de Moradores, a VILA DOIS RIOS ressalta a vinda desta toyota. Foi uma glória que recompensa quase oito meses de trabalho do presidente Ezequiel Ferreira a frente da comunidade. Ele vinha apresentando os problemas comunitários ao vereador Fiote e a Prefeitura desde o seu início.

A ESTRADA - muito aguardou-se para que fossem feitos os consertos, para depois trazer o carro. Envolveram outros setores para que se chegasse a uma solução e continua o avançamento. Pelos interesses da preservação. O que não podem se sobrepor ao bem público da população. Agora fica pendente. Ainda aguarda por novos procedimentos e enxamear pareceres. Uma vez feitos os reparos necessários haverá a melhoria da qualidade de vida da população. Pois o trecho como está penaliza a viatura, mesmo sendo nova não aguenta: quebra e rasga os pneus novos. Haja visto que neste rincão o ensino primário, público, escapuliu e obrigou a multiplicação do número de viagens diárias para atender a demanda da Instru-

ção. E vai ser esta, a prioridade da comunidade, para a utilização fim da caminhonete.

A ECONOMIA DA VILA - arrecada para tapar os buracos miúdos das despesas, porque os grandes gastos fica a critério do bom entendimento entre o presidente da Associação e a Prefeitura, em especial a Divisão de Transporte, onde vai-se buscar a maior parte dos recursos materiais, para manter funcionando o sistema de transporte da Vila Dois Rios que hoje gira em torno de três viaturas da comunidade: uma leve e duas pesadas. Quando quebra um carro é despesa que vem, às vezes e peso de mais, para a caixa de economia e tem-se que recorrer Angra do Reis. Lá sempre a população através do seu representante legítimo foi bem atendida. Em tudo por tudo. Os buracos da estrada são os únicos males que afligem a economia. Os resultados das contas da caixa divulgados em fevereiro de 2006 pelo Conselho Fiscal, dão conta de que em cinco meses desta nova gestão já havia equilíbrio de meta do setor e caixa. Havia um superávit de R\$ 646,65 equivalente a mais de 100% da arrecadação social bruta mensal. Chama atenção, contudo, que a despeito de todo o esforço feito pela diretoria, essa economia tem sido insuficiente para pagamento das despesas do setor de transporte da Associação.

Em vez de serem podados gastos com peças quebradas dos carros; situação em patamar incompatível com os recursos disponíveis; grande parte da economia foi obtida por meio do corte de compras. De peças de reposição que vieram da Divisão de Transporte da Prefeitura.

BEM ESTAR SOCIAL - o transporte suga dinheiro que poderia ser destinado às instalações do espaço físico dos setores de trabalho da Associação como: oficinas de mecânica, lanternagem, pintura, borracharia e abastecimento, sem citar o setor de pesca e a sede. O bem estar social, padece por culpa da Preservação do Meio Ambiente, conforme já citei. É aí que situa a desgraça da economia, a estrada, um dilema sem fim, come dinheiro que

podia ser empregado no bem estar.

O CONCERTO DA ESTRADA - é um vai ali e vem aqui. Que nunca sai da papelada para a prática. O concerto permanente da via pública, responsável pelo quebra-quebra, rebenta-rebenta, pneus novos têm sido dilacerados. Peças novas tem sido partidas. E lá está no purgatório, ao longo do tempo, os pedidos pelos concertos e conservação da estrada, esbarrada na pervesidade da preservação. É preciso especial atenção da Secretaria do Meio Ambiente e da Prefeitura para que se permita fazer os reparos antes de que a nova Caminhonete Toyota comece a quebrar. Uma trava para os gastos de combustível e lubrificantes. O mais importante é a mão-de-

-obra da manutenção mecânica que não tem descanso. É dia e noite consertando carro. O concerto da estrada que liga Abraão-Vila Dois Rios não garantirá a economia ingressar na glória do céu, mas será um grande avanço econômico e social para a Associação de Moradores. E, também, inegavelmente para a UERJ. Que faz este percurso quatro vezes por dia e, as vezes, mais algumas viagens de quebra para garantir o atendimento do CEADS. Reciclagem da situação que atravessa a Vila Dois Rios neste momento do Recebimento de mais uma viatura preparada e transportada pelo Prefeito Fernando Jordão até aqui à população. Muito obrigado pelo carro e pela presença do Sr. Bento na comunidade.

Editorial:

#### DESATIVAR ESCOLA. ISTO É PAPEL DO ESTADO?

A Escola Estadual Padre Júlio Maria, em Vila Dois Rios - desativada desde o fim do ano de 2005 - refletiu em 2006 sobre os ombros da comunidade que tem a Associação de Moradores, esta por sua vez sentiu no dever de estado; ser pai e mãe das crianças necessitadas de transporte para continuar estudando: levou-se o problema para a Prefeitura de Angra dos Reis e foi solucionado junto com a Polícia Militar. E o mais incrível é que isto aconteceu no campo de uma universidade estadual. Não deu para entender bem qual é a política do Estado com a educação. Se há mesmo neste país uma política desarraigadora da ignorância.

Não estou dizendo que a universidade deve desfazer o mau feito do estado, que corrigir a falta de ética em que político com Administração Pública interessados retire do povo um bem da vida gregária. Isto é o papel do governo. O que peço a grande Classe Educacional Universitária é que obrigue o Estado a cumprir com suas obrigações para com a minoria carente, dando escola estrada para chegar à ela e meio de transporte. Se não ele não vai erradicar nunca o analfabetismo no país.

Use a energia, empregada para atender um erro, para obrigar o go-

verno a trabalhar pelo povo, para reduzir problemas que levam o jovem a desistir da escola no decorrer do curso de 1º grau. Os políticos são ricos, são poderosos, ganham muito mais do que merecem e quando fazem alguma coisa é em proveito próprio deixando o povo a margem de algo. Se assim continuar teremos entrado no caos. Tanto o governo como os políticos e a universidade deram-nos as costas em 2005

Se quiserem salvar as novas gerações têm que começar a agir já. Todas as crianças gostariam de estar na escola descansadas, brincar contente, livre da fadiga e da fome, pois hoje em dia, a sociedade está cheia de jovens que tornaram-se cínicos, com razão, nos primeiros anos da adolescência. Se salva da delinquência as mais inteligentes e corajosas na classe baixa por acaso.

E x p e d i e n t e	
ÍNDICE	PÁGINA
RECEBIMENTO DA TOYOTA NOVA	1,2e3
EDITORIAL	3
HITÓRIA DA CADÉIA	4,5e6
SONETO "CAPIAU"	6
Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hota-ir, Rua Paraná nº09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ.	

História da Cadêia:

### O TIME DOS ABUTRES

Os fatos que aqui vou narrar, por mais estranhos que pareçam são verdadeiros e aconteceram nesta Vila, chamada: "Dois Rios".

Onde presenciei no auge da função de carcereiro lotado na Turma do Plantão das galerias do Presídio. - A maior concentração de chefes de quadrilhas, deste Estado (Rio de Janeiro).

Havia um companheiro chamado, Sobrinho que compartilhava da mesma opinião deste Carcereiro, externou certa vez, sua estranheza com o que considerava uma odiosa discriminação:

- Que haja num mesmo estabelecimento penal uma população de chefes de quadrilha mantida em confinamento dito de luxo chamado: "Galeria dos Individuais" e, enquanto os outros presos eram mantidos em coletivos sem o mesmo direito. - O de ir e vir à vontade.

Nós, Guardas de Presídio, presenciávamos os habitantes dos dois lados que, formava o convívio no interior da Cadêia e, mais os Colonos-livres que, salvo em raras exceções aqui fora, não difeririam muito no seu comportamento.

O esporte era para os presos uma válvula de escape das grades e ao mesmo tempo um artifício do Sistema Penal para aliviar a tensão da massa carcerária; através deste e s q u e m a havia inevitavelmente o encontro dos quadrilheiros chefes onde encontravam-se todos.

Naqueles idos existiam as turmas de trabalho que, nos dias de jogos, muitos internos faltavam para se apresentar ao seu time de futebol.

O do "CRI" (Clube Recreativo de Internos) era famoso; suas façanhas ultrapasavam as fronteiras do nosso conhecimento.

Era uma verdadeira aberração, aliás, a primeira facção do Comando Vermelho. - Esta formava um time de futebol completinho, com reserva e tudo. O árbitro era o do

quadro de juizes. E, no time figuravam jogadores sanguinários, muitos deles, egressos dos principais presídios do Rio de Janeiro - ex-trafficantes, assaltantes a banco, alguns já tendo atuado no exterior

Só para citar alguns nomes, lembraríamos: Bagulhão, Agavino, Sá, Mesquita, Expedito, Fernando Marques, Ferrucio, Viriato, Luiz Antônio, Luiz Marques, Aguiar, Portuguesinho, Júlio Cesar, Haschê, Nascimento, Peregrino, Moacir, Paulo Cesar Chaves, Paulo Cunha Franco, Humberto, Paulo Nunes, Paulinho Silva, Romerito e Willians da Silva, Entre tantos outros que constituíam o chamado: "Time do CRI", que só entrava em campo, após os quadros do Campeonato Recreativo dos Internos, haver disputado a preliminar, com todo o efetivo carcerário presente, queira ou não, todos os internos eram obrigados a assistir aos jogos e, bater palmas a cada exibição dos famosos jogadores do CRI e, ainda, dar o "Grito de Guerra": ("RL".PAZ, JUSTIÇA e LIBERDADE", no final da disputa, realizadas as quinta-feiras, palmo a palmo, no campo de areia pesada que existia no pátio dos fundos do prédio da Cadêia e, as terças-feiras no campo de grama que ficava ao lado do Cinema na parte externa da prisão e conforme fosse a disciplina, era permitido tomar depois da última partida do dia o cobiçado banho-de-mar. E regressar em grupo de vinte a vinte ao interior da carceragem, para somente depois do regresso, ser pago o almoço, o que nesses dias era feito às 13 horas.

Era hábito naquela época que semanalmente a "Liderança" da massa carcerária convidasse, entre os internos um time campeão de temporadas passadas, para jogar com o time do "CRI", que ostentava, então, uma invencibilidade de quase todos os jogos.

Havia várias razões para essa invencibilidade: um bom goleiro,

uma defesa sólida e arisca, capaz de convencer os adversários a não penetrar na área e, um ataque demolidor, capaz de arrancar aplausos a todo momento, com grandes goleadores e grande, também, poder de convencimento. A torcida postada ao longo das linhas do campo fazia com que o time convidado se arrependesse da sua ousadia e se desse por satisfeita em sair incolume daquela concentração que, quase sempre terminava numa arenga.

Havia ainda um grande trunfo, a ser usado em casos extremos que, era o juiz: Carlos Alberto. Certa vez apitava um jogo e torcia pelo time convidado, Tanto era torcedor do convidado que, já na escolha do campo, ao virar a moedinha disse: "A saída é nossa, falô"!

Aliás, sobre Carlos Alberto, contava a seguinte passagem no IPCM de 1979:

- Eis que no fim de um jogo, e ante o eminente perigo de gol, não teve Haschê um dos lideranças da massa carcerária e zaqueirões do time do CRI, outra alternativa se não derrubar dentro da área o endiabrado atacante adversário. De imediato, apontou Carlos Alberto o indicador para a marca do pênalti.

Haschê que era, também, o capitão do time, reagiu gritando:

- "Que é que houve? Carlos Alberto"!

Ato reflexo. Carlos Alberto deu o pênalti, como não dado e, ainda, preferiu marcar falta contra o seu time, o Convidado:

Tumulto generalizado, protestos, ameaçando já um conflito.

- "Como é Carlos Alberto? Você não apontou para a marca do pênalti"?

Defendia-se Carlos Alberto, mostrando o polegar: "É esse dedinho aqui"! - "Não vale nada".

E aquele polegar apontando para cá em oposição ao indicador que apontava para lá. Garantiu ao time do CRI, mais uma vez a invencibilidade, mesmo porque o adversário convidado para disputar a partida optou por abandonar o campo.

CRI, como disse, há 48' partidas, procurava-se um adversário de

bom nível para o jogo seguinte, que tinha algumas atrações especiais:

- Aguiar vinha sem levar gol há mais de quatrocentos minutos, mais ou menos cinco partidas, e queria ir para o Livro dos Recordes da Divisão Recreativa do DESIPE.

- Expedito, após várias contagens e recontagens, chegara a conclusão de que já fizera ao longo de sua carreira esportiva, 999 gols e prometia marcar, naquele jogo, com o seu potente chute o seu milésimo gol.

- E, a última atração, já estava marcada para após o jogo, uma monumental rodada de aguardente, já preparada no escondidinho da 2ª galeria.

Não era fácil encontrar um adversário de bom nível, os que topavam jogar dentro do círculo de domínio da torcida do CRI e, Lobisomem ficou encarregado da missão. Somente poucos minutos, antes do jogo, todos animados pela manhã de sol, já meia hora antes, ele teve coragem de anunciar o adversário:

- Os Abutres; grupo associado mantido pelo Mimoso. Um líder na cadeia. De grande poder financeiro. Dono de uma turma de robôs, invejável de outros líderes, ele mesmo, além de dono, ele tinha como goleiro o apavorante Réu.

Aquilo não pegou bem para o dono da casa: "CRI".

O time convidado vinha do prédio Anexo, a sair pelo portão central, divisório, que ligava os pátios dos prédios. Considerado o time de pés-de-chinelo jogando contra um time grande: O "CRI".

Aquilo os poderosos entendiam que poderia dar azar; ninguém queria jogar contra aquele time agourento.

Começou as defecções:

- Moacir alegando um leve resfriado, queria ser dispensado.

- Willians ofereceu seu lugar a alguém mais jovem.

- Outros iam saindo de bandinha, - ninguém queria jogar.

Lobisomem foi chamado de traidor, por ter botado mau gosto

na partida de futebol.

Lobisomem argumentou fortemente: - Vocês não são de nada, estão com medo de um time patético!

Foi difícil escalar o time mas, afinal, serenado os ânimos, ficou-se a esperar os malerentos.

Que chegaram em grande estilo. Entrando de corrida atlética no campo debaixo de uma salva de palmas humilhante, para recebê-los, de uniforme todo preto com uma cruz vermelha nas costas e, uma caveira no peito. O goleiro trazendo sua camisa de terror, de punho causando sensação arrepiante.

Do interior do prédio de onde geralmente vinha vinte e dois, neste dia vieram somente onze e nada mais, cada um jogador carregando uma cruz benta, na outra mão um molambo preto para agitar, aquela cor contribuía para aumentar o mau-estar geral, causando suspense.

O Réu, no centro da patota. Na perna um lingote vermelho de pano. Aliás, o uniforme do time era camisa e calção pretos, cravado em cruz se lia: "ABUTRES", em letras brancas.

A moral do CRI estava lá em baixo. Como jogar com tal time? Como fazer um gol naquela apavorante figura?

O resultado não podia ser outro:

- Jorge Aguiar tremia tanto que levou quatro bolas, todas defensáveis, segundo, a agente observava lá do alto pela grade da terceira galeria, onde ficava o plantão do serviço.

Os mais aguerridos jogadores do CRI, pareciam cordeirinhos, incapaz de qualquer jogada mais desleal.

Viriato e Mesquita pediam desculpas quando entravam de uma maneira mais dura.

Não houve Carlos Alberto que desse jeito, apesar dos dois pênaltis marcados, todos magistralmente defendidos por Réu.

Não chegou a ser um enterro mas, a tristeza era geral.

O time líder perdera a invencibilidade.

Aguiar não iria para o Livro dos Recordes.

Expedito não fizera o seu milésimo gol.

E, pior, a cachaça, tão esperada, não foi bebida. Foi delatada ao guarda Sobrinho, pelos próprios internos. Ou seja, um abutre.

Fomos lá apreendemos a bebida feita de arroz e ainda levamos para a cela de castigo a turminha da cobertura das comemorações do CRI.

Inauguramos uma cela nova do setor de castigo com mais de 30 internos do CRI. Por conta da derrota. Puxaram 20 dias trancados.

Soneto:

### CAPIAU

Antigamente podia verder peixe no meio da rua,  
Galinha caipira, alpim, batata doce e abóbora,  
Couve, alface, chicória e cenoura;  
A vida do lugar era sua.

Fincada no meio do mato,  
Casa de estuque não tinha valor,  
Só servia para gente morar, longe do calor,  
Em qualquer lugar, no morro bem alto.

Na primavera plantava o roçado,  
No meio do verão fazia a colheita,  
Amanhecia, a filharada corria para o eito.

No fim do dia, a lenha era trazida no amarrado,  
Para que a farinha fosse feita.  
Vendida na praça de qualquer jeito.

Nada proibia a vida do caipira na Ilha Grande até o sec.XX.